

Relação de Estudantes Universitárias Casadas com Seus Esposos e Implicações Acadêmicas

Relationship of University Students Married to their Wives and Academic Implications

Crislaine Aragão Teles Santos^a; Josiane Peres Gonçalves^b

^aUniversidade Federal de Mato Grosso do Sul Campus de Naviraí, Curso de Pedagogia. MS, Brasil.

^bUniversidade Federal de Mato Grosso do Sul, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação. MS, Brasil.

*E-mail: josianeperes7@hotmail.com

Resumo

O estudo buscou identificar como ocorre a relação de mulheres universitárias casadas com seus esposos, tendo em vista que elas estudam à noite, são mães, cuidam da casa e trabalham fora, e se esta relação com o marido tem implicações acadêmicas. A pesquisa de natureza qualitativa foi realizada com quatro pessoas, caracterizadas por dois casais, sendo as duas mulheres estudantes do curso de Pedagogia e os dois homens se encontravam afastados do ambiente escolar. Os resultados apontam que a atitude dos esposos resulta em implicações para a vida acadêmica de mulheres casadas, já que a participante que não se sentia adequadamente apoiada pelo marido, chegou a pensar em desistir do objetivo de concluir o Ensino Superior, mas acabou dando continuidade, mesmo tendo dificuldade de conciliar todas as atribuições sociais que recaem a uma mulher que trabalha fora, cuida da casa, de filho, marido e ainda cursa o Ensino Superior.

Palavras-chave: Relações de Gênero. Mulheres. Ensino Superior.

Abstract

The study aimed to identify how the relationship of married university women with their husbands occurs, considering that they study at night, are mothers, take care of the house and work, and if this relationship with the husband has academic implications. The qualitative research was conducted with 4 people, characterized by 2 couples, the two women being students of the pedagogy course and the two men were away from the school environment. The results indicate that the spouses' attitude results in implications for the academic life of married women, since the participant who did not feel adequately supported by her husband, even thought of giving up the goal of completing higher education, but eventually continued, even having difficulty reconciling all the social attributions that falls to a woman who works, takes care of the house, son, husband and still studies higher education.

Keywords: Gender Relations. Women. Higher Education.

1 Introdução

As mulheres sempre lutaram por seus direitos e igualdade em relação ao sexo oposto, e a luta pelo direito à educação, com certeza, é uma dessas. Pode-se observar grandes avanços neste quesito, já que até início do Século XX a mulher era praticamente invisível na sociedade e suas atribuições sociais estavam relacionadas apenas ao cuidado do lar, do esposo de sua prole. Desde a infância, as mulheres de culturas Ocidentais industrializadas eram educadas para serem boas esposas, mães e donas de casa, e as que tinham a oportunidade de frequentar a escola acabavam por estudar somente o que era planejado pelos homens educadores.

A trajetória por reconhecimento e direitos igualitários foi longa e se pode dizer que ainda existe uma luta feminina, principalmente, para que as mulheres sejam vistas em igualdade de condições em relação ao sexo masculino. Assim, as mulheres vêm demonstrando que elas são capazes de exercer os mesmos papéis na sociedade em que vivem, principalmente, por terem ampliado o seu nível de escolaridade, e com isso elas têm contribuído para desconstruir a ideia de que o gênero

feminino “serve” somente para cuidar do lar e da família.

A conquista pelo direito à educação foi fundamental para que as mulheres adentrassem aos espaços sociais, tornando-se profissionais em diversas áreas. Porém, mesmo no Século XXI, o que se percebe é que não é fácil para as mulheres casadas, com filhos, que trabalham fora e cuidam da casa, darem continuidade aos estudos. Muitas não tiveram condições de estudar anteriormente e, então, decidiram fazer um curso superior depois de terem assumido diversas outras atribuições sociais, relativas aos cuidados familiares e trabalho fora de casa.

As dificuldades vivenciadas por mulheres universitárias casadas são muitas e, algumas vezes, os esposos participam e as apoiam, mas nem sempre isso ocorre, porque muitos homens não valorizam a formação escolar feminina. Tal realidade é consequência de um contexto histórico e cultural que condicionou mulheres a permanecerem no espaço doméstico, mas que não foi suficiente para convencê-las, pois elas sentiram necessidade de estudar para atuar profissionalmente em outros espaços sociais.

Dessa forma, no decorrer do século XX, as mulheres que antes eram educadas para cuidarem dos filhos, do marido e do lar, começaram a ganhar espaço na sociedade, mais especificamente no âmbito escolar. No entanto, apesar de se tratar de uma grande conquista e começo para autonomia, não foi fácil essa caminhada, visto que as mulheres até estudavam, mas quem determinava o que elas iriam ou não aprender eram os homens (ALMEIDA, 2000).

Tal aprendizado deveria atender ao bem-estar masculino, ou seja, educavam as mulheres para cuidarem melhor do seu esposo e dos seus filhos e, assim, eles manipulavam a educação feminina, para que tudo fosse de acordo com o seu modo de agir e pensar (ALMEIDA, 2000). Nesse contexto, a educação feminina se restringia a aprender os trabalhos domésticos e maternos, para ser boa esposa e mãe (ARAGÃO; KREUTZ, 2010).

Em função do poder que os homens tinham em relação ao processo educacional feminino, muitos conteúdos escolares eram voltados às atribuições familiares e afazeres que as mulheres deviam saber para se tornarem uma boa dona de casa. Assim, elas aprendiam atividades como bordado, pintura, música, culinária, que eram parte central do currículo das escolas de meninas e moças. Nesse cenário, as alunas não seriam mais vistas como mulheres sem cultura, mas esposas educadas que conheciam as necessidades do marido e filhos, sendo o alicerce do lar, responsável pela parte cristã e a harmonia do seu lar (ALMEIDA, 2000).

É possível notar que existe uma representação histórica até a atualidade, de que ser mulher é sinônimo de ser uma “boa” mãe, dona de casa e deve se manter integralmente dedicada às atividades do lar. Ainda hoje se ouve pessoas de idade mais elevada comentarem que a mulher tem que aprender a cozinhar e a cuidar de casa, porque somente assim poderá se casar e ser uma boa esposa.

De acordo com Silva (2006), historicamente, as mulheres foram tratadas como seres inferiores aos homens e o modelo de perfeição humana estava representado na anatomia masculina. Tal fato ocorria em função do entendimento errôneo de, por ter nascido homem, com genitais masculinos, já era o suficiente para que eles fossem vistos como dominadores e superiores. Por outro lado, as mulheres eram vistas como inferiores, submissas aos homens e menos desenvolvidas na escala de perfeição metafísica.

Cabe salientar, ainda, que historicamente os homens estiveram, segundo Gomes et al. (2007), relacionados aos espaços públicos, de provedor e chefe da casa, virilidade, coragem e agressividade, enquanto as mulheres estiveram relacionadas aos espaços privados, caracterizados pelo próprio lar, sendo vistas como frágeis e totalmente dependentes dos maridos. Tal fato, contudo, foi se modificando com o passar do tempo, principalmente, em função da inserção da mulher na área da educação, inclusive, no Ensino Superior.

Na atualidade, a possibilidade de estudar representa para

homens e mulheres oportunidade de ampliar a visão em relação à sociedade, por se tornar um ser crítico e, de certa forma, independente. Talvez, essa possibilidade assuste o parceiro, principalmente, aquele que foi criado com uma visão de que ele é quem deve desempenhar o papel de mantenedor e a mulher deve estar sempre em condição de submissão.

Para Almeida (2000), gradativamente, as mulheres foram percebendo que só poderiam mudar a condição, que foi imposta a elas desde criança, por meio da educação. Então, elas começaram a lutar para que esse direito se tornasse possível, reconhecendo que o acesso ao conhecimento e aos estudos seria o caminho mais rápido para a libertação feminina das limitações que viviam, considerando ainda que com a educação elas poderiam tentar se igualar aos homens, em relação aos direitos sociais.

Ao abordar sobre o ingresso das mulheres na Universidade, Bezzer (2010) recorda que se trata de um processo que se iniciou no Século XIX, quando o então imperador do país, Dom Pedro II, concedeu o direito de as mulheres frequentarem o Ensino Superior.

A entrada das mulheres no Ensino Superior iniciou no Século XIX, mas a partir da segunda metade do Século XX o acesso foi ampliado, tendo em vista que, conforme Barreto (2014), em 2011, as estudantes eram maioria entre os universitários na faixa etária de 18 a 24 anos; e representavam 57,1% do total de matriculados no Ensino Superior brasileiro nesta faixa etária.

Embora as mulheres tenham ocupado a maior parte das cadeiras universitárias, ainda é muito dividida a questão de áreas do conhecimento, predominando a ideia de que existem cursos para mulheres e cursos para homens, pelo fato de que elas se matriculam, na maioria das vezes, em graduações vistas como femininas, tais como: letras, pedagogia e enfermagem; enquanto os homens em engenharia, direito e medicina (BEZZERA, 2010).

Ao refletir sobre a conquista feminina na área da educação, Pereira e Favaro (2017) salientam que as mulheres ultrapassaram os homens no cenário educacional brasileiro em todos os níveis, na busca de garantias para ocupar um lugar de igualdade, principalmente, no que se refere a sua atuação profissional. Realmente, as mulheres lutaram muito e continuam lutando para conquistar seu espaço na sociedade e o avanço na área da educação é, sem dúvida, uma das maiores conquistas. Porém, ainda há muito a se vencer, principalmente, quando se trata de igualdade, porque as mulheres continuam enfrentando muitos desafios no dia a dia em relação às diversas atividades que precisam desempenhar, como trabalho, estudo e vida pessoal. Nesta direção, um dos aspectos mais desafiantes envolve a necessidade de que essas mulheres conciliem funções familiares com as acadêmicas e profissionais (FLECK; WAGNER, 2003).

O fato de as mulheres terem dupla ou tripla jornada de trabalho, por terem que cuidar de casa, dos filhos, trabalhar

fora e ainda estudar, o acúmulo de atividades pode resultar em problemas familiares. Essa rotina pode provocar nessas mulheres, que assumem tantas e diferentes atribuições simultaneamente, prejuízos como não ter tempo para o lazer, não dormir adequadamente, ficar mais ansiosas, entre outros. Ademais, existem também os afazeres domésticos, que geralmente não são divididos entre as pessoas que convivem na mesma casa, sobrecarregando ainda mais a mulher, porque muitas vezes ela ocupa suas folgas para fazer os trabalhos de casa, ao invés de ter alguma atividade de lazer, ou até mesmo de ter tempo maior para estudar (ÁVILA; PORTES, 2012).

Nesse novo contexto, o ideal é que as atividades domésticas e educação dos filhos sejam realizadas coletivamente, independentemente do gênero, porque não se trata de divisão, mas participação entrelaçada, conforme Oliveira e Traesel (2008), apesar de ainda existirem “muitos conflitos de papéis” entre homens e mulheres em âmbito familiar.

Estes conflitos de papéis podem estar relacionados com questões inerentes à masculinidade, visto que diante das conquistas femininas no campo educacional e profissional, algumas mudanças, em âmbito familiar, foram ocorrendo, inclusive, na relação da esposa com seu marido ou companheiro. Se anteriormente o homem era o chefe de família e único provedor da casa, com as transformações sociais e familiares, a mulher passou ter remuneração e se tornar mais independente. Tais atitudes contribuíram para que os homens perdessem o controle sobre as mulheres, surgindo assim o fenômeno denominado de crise na identidade masculina (SILVA, 2006).

A chamada “crise masculina” tem ocorrido em relação aos papéis sociais do homem e da mulher, tanto no âmbito domiciliar, profissional e escolar, espaços em que são reforçadas as representações de que cabe ao homem trabalhar fora e à mulher ser dona de casa. Para Gonçalves (2020), essa crise está relacionada ao processo de transformação do papel do homem na sociedade, exigindo, assim, a redefinição da masculinidade. Souza e Souza (2020) salientam que há um discurso, na atualidade, de que os homens estariam em crise, por não coadunarem com os modelos do passado patriarcal e essa crise seria resultado do movimento feminista, pois foi a partir desse que surgiram as discussões sobre essa questão.

Contudo, é importante considerar que a crise vivenciada pelos homens não se limita, apenas, às características pessoais, por incluir fatores mais amplos. Entre esses fatores, se destaca a questão de as mulheres ocuparem espaços sociais, sobretudo, no âmbito profissional, que eram exclusivos do público masculino e, assim, o conceito de dominação predominante foi abalado. O poder masculino creditado à determinação biológica no passado, agora é visto como construção histórica. E se foi construído pode ser desconstruído. (SOUZA; SOUZA, 2020), ou seja, não significa que por ter predominado culturalmente o privilégio para o universo masculino que tudo deverá continuar da mesma maneira, pois o que se almeja é a igualdade de condições e oportunidades para todas as pessoas,

independente de gênero.

Ao refletir sobre a masculinidade, Almeida (1996) enfatiza que existe um estilo, denominado de hegemônica, que se caracteriza pela existência de um tipo de homem visto como ideal na sociedade, o qual é considerado superior em relação aos outros homens e todas as mulheres.

De acordo com Connell (2013), essa masculinidade hegemônica se configura por um estilo de homem que tem o controle sobre as mulheres, bem como em relação a todos os outros homens, que são vistos como subordinados.

Para Almeida (1996), a relação de inferioridade entre o homem e a mulher é histórica, e repercute até os dias atuais. Essa mesma relação faz com que o homem se sinta acuado ao perceber o quanto a mulher está mudando a forma de ver a si própria, buscando mudanças de vida, saindo de casa, sendo independente e entendendo seu verdadeiro papel na sociedade.

É importante considerar que as questões inerentes às masculinidades interferem na relação com as esposas universitárias, porque geralmente as mulheres precisam sair de casa e ocupar muito do seu tempo com as atividades acadêmicas, como aponta estudo realizado por Ávila e Portes (2012), o qual analisou 15 mulheres que frequentavam diferentes cursos noturnos na Universidade Federal de São João del-Rei no período de 2008 e 2009.

Em geral, ocorrem dois tipos de situações quando as mulheres casadas resolvem cursar o Ensino Superior: os maridos são indiferentes ao estudo das esposas ou, uma situação mais complicada, eles são totalmente contra a esposa estudar. Em ambos os casos, as consequências são de que muitas mulheres se tornam desmotivadas, resultando em desânimo para dar continuidade aos estudos (ÁVILA; PORTES, 2012). Algumas dessas estudantes universitárias casadas, mesmo diante da atitude contrária do marido, em relação aos seus estudos, não se deixam influenciar e seguem firmes em busca de seus objetivos.

Ocorre que, na atualidade, as mulheres têm, cada vez mais, buscado atender as suas próprias vontades e desejos, se livrando do controle que historicamente foi masculino, o qual determinava o que a mulher devia ou não fazer. Percebe-se, então, que atualmente, a mulher, a partir da valorização de sua individualidade, começa a impor os seus desejos, de modo que o casamento e a família assumem novas formas; mesmo que, inicialmente, o marido mostre uma certa resistência a essa mudança (OLIVEIRA; TRAESEL, 2008).

Contudo, muitas mulheres ainda sonham com o modelo de esposo que seja companheiro, que esteja sempre com ela e acompanhe sua mudança de vida, que se beneficie das conquistas e não seja somente um espectador (OLIVEIRA; TRAESEL, 2008). Apresentam-se novas formas de relacionamentos que estão na contramão da masculinidade hegemônica, porque o homem, nessa perspectiva, não tem o controle em relação à mulher, mas tem atitudes baseadas em parceria e companheirismo.

Assim, é possível afirmar que o fato de cada vez mais

as mulheres buscarem o Ensino Superior, significa que o estilo de masculinidade não deve se caracterizar pelo modelo hegemônico, em que o gênero masculino exerce o poder em relação ao feminino. Ao contrário, as relações de gênero poderão ser mais igualitárias, porque as mulheres terão maiores condições de exigir os seus direitos, sem se sentirem submissas em relação ao gênero masculino.

A partir do exposto, acerca das relações de gênero e sua influência na Educação Superior, destaca-se que o objetivo da pesquisa foi identificar como ocorre a relação de mulheres universitárias casadas com seus esposos, tendo em vista que elas estudam à noite, são mães, cuidam da casa e trabalham fora, e se esta relação com o marido tem implicações acadêmicas.

2 Material e Métodos

Para a realização do estudo, foi realizada uma pesquisa de natureza qualitativa do tipo descritiva, na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, campos Naviraí- MS. Ao refletir sobre a pesquisa qualitativa, Martins (2010, p.63) salienta que:

[...] descreve-se e determina-se com precisão conceitual rigorosa a essência genérica da percepção ou das espécies subordinadas, como a percepção da coisalidade, etc. Mas a generalidade mais elevada está na experiência em geral, no pensamento em geral, e isto torna possível uma descrição compreensível da natureza da coisa.

Este tipo de pesquisa propicia oportunidade de se participar de forma passiva na vida dos participantes, especialmente quando se trata de gravação de entrevistas realizadas a partir de um roteiro semiestruturado, tendo em vista que:

[...] a entrevista semiestruturada é considerada um instrumento essencial para a pesquisa qualitativa, por se tratar de uma técnica que se baseia no diálogo descontraído, em um bate papo que é de total controle do pesquisador. Este, por sua vez, se apoia em um roteiro que foi previamente elaborado, de acordo com os objetivos da pesquisa (GONÇALVES; SOUZA; REIS, 2017, p.180).

Na entrevista semiestruturada, os participantes da pesquisa são livres para expressarem seus pensamentos e opiniões sobre o assunto pesquisado. Dessa forma, o presente estudo foi realizado a partir das seguintes etapas.

A primeira etapa se caracteriza pela realização de uma pesquisa bibliográfica, com leituras sobre o tema, a fim de melhor entender questões inerentes às relações de gênero, masculinidades e educação escolar feminina.

Na segunda etapa foi realizada pesquisa de campo, com duas estudantes de Pedagogia do campus de Naviraí da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e seus esposos. Antes de iniciar a gravação das entrevistas, foi feita a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para esclarecer sobre os objetivos da investigação, os cuidados éticos adotados, assim como sanar as dúvidas sobre o estudo. Depois das explicitações, os TCLE foram assinados e ocorre início das entrevistas individualizadas. Cabe salientar que

o critério inicial para a escolha das participantes era de que os esposos não tivessem cursado o Ensino Superior, porém com a dificuldade de encontrar casais que concordassem em participar da pesquisa, foi feita a opção por ter um casal em que o esposo não tinha Ensino Superior e outro em que o esposo já tinha concluído o curso de Administração. Assim, foi possível estabelecer comparações para ver se havia diferença na relação das estudantes de Pedagogia com seus esposos que tinham ou não o curso superior. O perfil de cada um dos participantes da pesquisa, durante a realização da coleta de dados, era:

Esposa 1: 32 anos de idade, tinha uma filha de 14 anos, casada há 16 anos, cursava Pedagogia, trabalhava na função de controle de estoque físico de uma indústria, com jornada de trabalho de 10 horas diárias. O curso de Pedagogia não foi sua primeira opção, pois gostaria de fazer faculdade de Direito e ainda pretende realizar esse sonho futuramente, como segundo curso de graduação.

Esposo 1: 37 anos, casado com a Esposa 1, estudou até o 5º ano do Ensino Fundamental, trabalhava como desossador em uma indústria, com carga horária de 8 horas e 48 minutos diárias. Não pretendia ou não pensava em fazer curso superior.

Esposa 2: 46 anos e 2 filhos, sendo uma menina de 5 anos e um menino de 12 anos de idade, casada há 19 anos. Trabalhava como funcionária pública, com uma jornada de trabalho de 6 horas diárias. O curso de Pedagogia é sua segunda graduação, porque já tinha concluído Administração quando era solteira.

Esposo 2: 43 anos, casado com a Esposa 1, formado em Administração, trabalhava 8 horas diárias como funcionário público, planejava fazer faculdade de Gestão quando sua esposa terminar a segunda graduação dela.

Na terceira etapa da pesquisa, foram realizadas as transcrições das entrevistas e o material foi organizado, discutido e analisado, resultando na elaboração de um artigo científico para Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia da UFMS Campus de Naviraí.

3 Resultados e Discussão

Para melhor as vivências das esposas, indagou-se como elas se organizam em seu cotidiano com os afazeres acadêmicos, domésticos e suas múltiplas funções. A Esposa 1 enfatizou que:

Não é bem se organizar, é tentar fazer de tudo o melhor possível, porque o trabalho você é obrigada a cumprir, esteja bem ou não, você é obrigada a cumprir. A faculdade é algo que eu sempre sonhei, eu sempre quis, sempre foi meu sonho, mas ultimamente está difícil, é uma luta diária. Como esposa sempre fui muito dedicada, a gente tem muitas falhas, mas eu procuro ser sempre muito dedicada e o tempo a gente tenta conciliar.

A Esposa 2 relatou que sua vida é uma correria, pois além de trabalhar fora, ela é presidente de bairro no qual reside, trabalha com recreação em festas infantis, é manicure, presidente de conselho de segurança e ainda tem a faculdade à noite. Então ela afirmou que se levanta muito cedo e dorme

muito tarde para dar conta de todos os afazeres domésticos. “Eu me desdubro, eu sou mil e uma utilidades, consigo sobreviver”.

É interessante analisar a resposta da Esposa 1, por enfatizar que com todo o trabalho, busca ser a mais dedicada possível como esposa, mãe e dona de casa, evidenciando a representação de que a mulher tem como obrigação, acima de tudo, se desempenhar em todas as funções da vida privada, como ocorria antes de as mulheres saírem para o mercado de trabalho. Além do mais, a preocupação para que o marido se sinta bem e confortável é nítida, por se tratar de um sentimento internalizado em muitas mulheres. É como se as representantes do gênero feminino pudessem fazer outras coisas, desde que sua principal função seja a do lar. Nesse viés, Costa (2019, p.4) destaca que:

Durante os anos 1960, a felicidade da mulher ainda era associada à tríade casamento, maternidade e afazeres domésticos. Os papéis dos homens e mulheres eram nítidos e ambos eram avaliados pelo seu bom cumprimento: o homem deveria prover o sustento do lar e a mulher realizar as tarefas domésticas, cuidar do marido e dos filhos, emocional e fisicamente [...] Além de ser responsável pelos cuidados físico e afetivo do marido e filhos, a mulher também fica com o encargo de organizar, de modo eficaz e sem prejuízo para o marido e sem danos para o reduto do lar, o orçamento doméstico.

Já ao que se refere aos trabalhos domésticos, questionou-se se essas mulheres, que têm tantos afazeres, com dupla ou tripla jornada de trabalho, se elas contam com a parceria de seus cônjuges e como são divididos os trabalhos domésticos. Houve compatibilidade nas respostas do Esposo 2 e da Esposa 2, já que ambos confirmam que os serviços são divididos. O Esposo 2 reconhece que mesmo com a divisão do trabalho doméstico, quem fica com a maior parte acaba sendo a Esposa, principalmente, na questão da educação dos filhos, porque segundo ele, a esposa tem mais autoridade sobre os mesmos, o que é confirmado por sua esposa, ao relatar que ele é muito prestativo com as atividades domiciliares.

Já o Esposo 1 e a Esposa 1 houve divergência em seus relatos: a mulher disse que ele até ajuda, mas que ela tem que ficar pedindo e isso a deixa irritada.

Ele ajuda, é até bastante participativo, só que você tem que estar pedindo, eu não gosto disso. Se você vê que tem que fazer, você vai lá e faz! Então assim, eu vejo muito que eu tenho que estar pedindo e isso me irrita muito, aí eu acabo fazendo para evitar discussões, ou se eu estiver de ‘saco cheio’, eu brigo mesmo (Esposa 1).

Ela também relatou que isso atrapalha sua jornada acadêmica, pois o tempo que ela tem para estudar em casa, muitas vezes, acaba tendo que fazer os serviços domésticos e isso a deixa muito sobrecarregada. O Esposo 1, no entanto, relatou que as funções são compartilhadas:

Normalmente a gente procura dividir, em casa fica mais para eu cozinhar, acho que eu cozinho bem (risos), e na educação dos filhos a gente procura mais se dividir. O meu relacionamento com a nossa filha é mais aberto, ela tem mais

confiança, assim, mais comigo, a gente tem mais afinidade, a gente tem mais sintonia eu e a filha.

Se a mulher trabalha fora, assim como o esposo, as tarefas domésticas e educação dos filhos devem ser igualmente divididas para não sobrecarregar somente uma das partes, como geralmente acontece de a mulher assumir as maiores responsabilidades da casa. Nesse sentido, Jablonski (2010, p.272) salienta:

Em relação às atividades domésticas, os homens têm uma ‘função coadjuvante, colaborativa ou periférica’, sendo que a responsabilidade ainda é das mulheres: elas teriam maior responsabilidade com a administração da casa, dos empregados e com o supermercado.

Essa falta de divisão equilibrada entre os parceiros resulta em danos para a vida, não somente acadêmica, mas também social com suas esposas, pois o tempo que elas têm para descansar, ou estudar, acabam tendo que se dedicar aos cuidados da casa, dos filhos e do marido, e assim não sobra tempo nem para elas e nem para as tarefas acadêmicas, que poderão resultar em benefícios para si mesmas e suas famílias.

Questionou-se aos casais sobre como foi a reação dos esposos, quando elas decidiram cursar o Ensino Superior, visto que antes elas ficavam em casa no período noturno e depois tiveram que se ausentar para frequentar a faculdade. A Esposa 1 explicou que:

Ele sempre me apoiou, só que algo se perdeu no meio desse caminho (emocionada), a gente se afastou muito como casal [...]. Como posso dizer..., ele é uma pessoa muito carente e eu já sou uma pessoa mais decidida, eu já apanhei muito da vida, então eu sou mais decidida, não sou tão carente assim.

A Esposa 1 fala de sua dificuldade de adaptação com seu marido após a entrada na Universidade, porque ele no início até a apoiou, mas com o passar do tempo, começaram a predominar as cobranças, principalmente, por atenção. Ela considera que ele é carente e a cobra para que seja mais presente, porque muitas vezes ela acaba usando o tempo que seria livre para estudar. Com isso tudo, a Esposa 1 notou que seu casamento acabou sofrendo as consequências, que acabaram comprometendo a relação do casal, e que o marido também notou a mesma situação. Porém, o marido nem tocou nesse assunto e quando foi feita a mesma pergunta para ele, pelo contrário, ele afirmou que dá todo e total apoio para a esposa estudar e que a única coisa ruim é que ela fica cansada, pois dorme muito tarde, em função dos compromissos com a faculdade, e lembra muito cedo para trabalhar.

Eu fiquei contente, eu dei apoio a ela [...] a dificuldades é em relação aos horários, pela jornada de trabalho e o horário da faculdade. Então pesa um pouco, né? Para quem levanta 4h30min da manhã e vai dormir mais de 23h00min, como teve dias que ela foi dormir mais de 2h00min da manhã, fazendo trabalho, isso pesa muito, né? Cansa, mas essa foi a maior dificuldade, agora por ela estar fora não teve problema. É tudo bem aberto! (Esposo 1).

Diferente da Esposa 1, a Esposa 2 diz que seu esposo a apoiou desde o início e que não teve problema algum na

relação deles em decorrência do retorno para o Ensino Superior, como pode ser observado no seguinte relato:

Eu cheguei em casa falei para o meu esposo (sobre o processo seletivo de portadores de diplomas) ele falou assim para mim: ‘Tem tudo a ver com você, eu não sei porque que você demorou tanto tempo assim de fazer!’ Meu marido foi bem parceiro, me incentivou, tanto é que ele não me deixou faltar um dia se quer na universidade, eu só falto assim mesmo de emergência, ele me leva no frio, na chuva, não fico em casa mesmo, mais por motivo dele mesmo (Esposa 2).

O Esposo 2, em concordância com a resposta de sua esposa, disse que sempre a apoiou nos estudos, porque isso é recíproco na casa deles, e que antes de ela começar a estudar, ele estava fazendo alguns cursos e ela o apoiou e ficou com as crianças. A agora que chegou a vez de ela estudar, ele a apoiou totalmente.

É possível perceber que o Esposo 1 cobra mais atenção de sua esposa, e pelo que ela mencionou, muitas vezes, ele não entende o fato de ela ter que usar o tempo “vago” para estudar. Já o Esposo 2 apoia totalmente sua esposa e até não a deixa faltar nas aulas. Pode-se então fazer um paralelo com o grau de escolaridade dos esposos: enquanto o Esposo 1 fez até o 5º ano do Ensino Fundamental, o Esposo 2 concluiu Administração e, talvez, o fato de o Esposo 1 cobrar tanta atenção se deve ao fato de que ele não entenda a importância do curso de graduação para a esposa e para qualquer pessoa que esteja estudando. Ele não tem noção do grau de dificuldade de se fazer um curso de graduação. Já o Esposo 2 já cursou e pretende voltar a estudar novamente, evidenciando que se trata de uma questão de parceria, e que a pessoa entende mais o outro quando já passou pela mesma situação ou ainda pretende passar.

Vale ressaltar o que Ávila e Portes (2012) sinalizam sobre a importância de haver o apoio do cônjuge para com a vida acadêmica da esposa, pois esse apoio pode ajudar ou atrapalhar de forma degradante o avanço acadêmico da mesma, se não houver algum tipo de apoio. Tais pressupostos foram percebidos entre as duas estudantes de Pedagogia, já que uma se diz realizada em sua vida acadêmica, sendo totalmente apoiada por seu cônjuge e sua família, enquanto a outra se emociona ao dizer que sente falta desse apoio e reconhece que pensou em desistir do curso por esse motivo, pois estava muito difícil viver essa situação e conciliar as exigências da vida pessoal com a faculdade.

Ao se indagar as esposas se já houve algum desentendimento por causa da faculdade, elas relatam que:

Discussão sim. Chegar ao ponto de agressão não, eu procuro evitar, até porque nós temos uma filha adolescente, acho que isso não é bacana, mais assim, eu sinto muita tristeza, porque era um sonho (chorando), sonho que eu quase desisti que eu estou tentando me reerguer, que estou sem chão, eu não esperava... (Esposa 1).

Não, nunca! Por esses motivos de eu estudar não! Ele apoia por demais, realmente, é um incentivador maravilhoso! (Esposa 2).

Em consonância com a Esposa 2, seu esposo afirma que

jamais tiveram desentendimento por causa da faculdade, o Esposo 1 diz que sim, que já tiveram desavenças em função de cobranças da faculdade, mas nada que atrapalhasse o desenvolvimento dos estudos de sua esposa, o que é totalmente o contrário do que é relatado por ela, que já pensou até em desistir em função de tantas cobranças. Ela também acrescenta que “No momento em que eu mais precisei, foi quando ele mais se distanciou” (Esposa 1). Cabe destacar que, conforme Gonçalves e Ternovoe (2017, p.136),

para haver um bom desempenho acadêmico, a/o estudante de ensino superior precisa estar bem, tanto na vida pessoal, quanto na vida profissional, visto que uma pode interferir na outra.

Como citado pelas autoras, é nítido nos relatos das esposas a diferença entre a estudante que é totalmente apoiada pelo marido com a que tem dificuldades devido a falta de total apoio. Assim, o sonho de concluir o Curso Superior acaba resultando em danos tanto para a vida acadêmica, quanto para a vida familiar.

4 Conclusão

Diante do presente estudo que buscou identificar como ocorre a relação de mulheres universitárias casadas com seus esposos, tendo em vista que elas estudam à noite, são mães, cuidam da casa e trabalham fora, e se esta relação com o marido tem implicações acadêmicas, percebeu-se que essas mulheres lutam para atingir seus objetivos, mas nem sempre elas têm a ajuda e parceria por parte dos seus esposos.

Com a pesquisa foi possível notar que, mesmo sobrecarregadas, as mulheres universitárias saem de suas casas em busca de conhecimento e essa luta não é de hoje, visto que ocorreram muitas batalhas para que as mulheres pudessem ocupar atualmente, não somente as cadeiras universitárias, mas também os mais variados cargos no mercado de trabalho.

E nessa luta por conquista de espaços sociais e direito à escolaridade, muitas mulheres casadas e com filhos contam com a parceria de seus esposos, enquanto outras não têm as mesmas condições. Tal fato foi percebido entre os dois casais que participaram da pesquisa, já que em um dos casos o esposo tinha o Ensino Superior e apoiava a esposa nos estudos e demais atividades sociais em que ela se envolvia, enquanto o outro casal, o esposo tinha baixo nível de escolaridade e não apoiava sua esposa como deveria, a fim de que ela pudesse se dedicar com maior intensidade em seu processo de formação profissional.

Dessa forma, nota-se que a atitude do esposo resulta em implicações para a vida acadêmica de mulheres casadas, já que a participante que não se sentia adequadamente apoiada, chegou a pensar em desistir do sonho de concluir o Ensino Superior, mas acabou dando continuidade, mesmo tendo dificuldade de conciliar todas as atribuições sociais que recai a uma mulher que trabalha fora, cuida da casa, de filho, marido e ainda cursa o Ensino Superior. Assim, entende-se

que se as mulheres que desempenham múltiplas jornadas, simultaneamente, a compreensão e parceria por parte do esposo é fundamental para que elas consigam dar conta de tudo, sem prejuízos para a vida pessoal ou acadêmica.

Para finalizar, ressalta-se que o acesso à educação é um direito de todos, inclusive das mulheres, independentemente de elas serem casadas ou não. Portanto, estudantes universitárias podem e devem sair de casa para estudar sem se sentirem culpadas por deixarem marido e filho em seus lares. Afinal, no contexto social atual, é importante que homens e mulheres assumam as responsabilidades domésticas e o cuidado dos filhos, visto que as mulheres desempenham múltiplas tarefas e não podem assumir todas as atividades sozinhas, sem contar com a parceria de seus esposos ou companheiros.

Referências

- ALMEIDA, J.S. As lutas femininas por educação, igualdade e cidadania. *Rev. Bras. Estudos Pedag.*, v.81, n.197, p.5-13, 2000. doi: <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.81i197.947>.
- ALMEIDA, M.V. *Gênero, masculinidade e poder*: revendo um caso do sul de Portugal. Anuário Antropológico/95 Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- ARAGÃO, M.; KREUTZ, L. Do ambiente doméstico às salas de aula: novos espaços, velhas representações. *Conjectura*, v.5, n.3, p.106-120, 2010.
- ÁVILA, R.C.; PORTES, A.E. A tríplice jornada de mulheres pobres na universidade pública: trabalho doméstico, trabalho remunerado e estudos. *Estudos Feministas*, v.20, n.3, p.809-832, 2012. doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2012000300011>
- BARRETO, A. A mulher no ensino superior: distribuição e representatividade. *Cad. GEA*, n.6, p.5-46, 2014.
- BEZZERA, N. *Mulher e universidade*: a longa e difícil luta contra a invisibilidade. Fortaleza: UECE, 2018.
- COMTE, A. *Catecismo positivista*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.
- CONNELL, R.W.; MESSERSCHMIDT, J.W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito repensando o conceito. *Estudos Feministas*, v.21, n.1, p.241-282, 2013. doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>.
- COSTA, C.P. *A proposta de dona de casa ideal dos guias "biblioteca do lar", "dicas e conselhos práticos para o lar" e "enciclopédia ilustrada do lar e da arte culinária", na sociedade brasileira, 1960-1974, 2019*. Disponível em: http://uece.br/eventos/semanadehistoriadafeclesc/anais/trabalhos_completos/245-18358-05062016-233044.pdf. Acesso em: 26 set. 2021.
- FLECK, C.A.; WAGNER, A. A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. *Psicol. Estudo*, v.8, p.31-38, 2003. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722003000300005>.
- GOMES, N.P. et al. Compreendendo a violência doméstica a partir das categorias gênero e geração. *Acta Paul. Enferm.*, v.20, n.4, p.504-508, 2007. doi: [10.1590/S0103-21002007000400020](https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000400020).
- GONÇALVES, J. P. Eu sou professor por decisão, porque eu gosto, porque é minha vida! Paixão, identidade e formação na docência masculina. *Rev. Iberoam. Estud. Educ.*, v.15, n.3, p.1221-1235, 2020. doi: <https://doi.org/10.21723/riaee.v15i3.12389>.
- GONÇALVES, J.P.; SOUZA, V.C.S.; REIS, M.G.F.A. Gestoras municipais de educação infantil: (des) confiança no trabalho realizado por homens educadores. *Interações*, v.45, n.1, p.172-191, 2017. doi: <https://doi.org/10.25755/int.9571>.
- GONÇALVES, P.J.; TERNOVOE, J.S. Desafios vivenciados por mulheres Universitárias de Mato Grosso do Sul, que são mães, profissionais e donas de casa. *Rev. Latinoam. Geogr. Gênero*, v.8, n.2, p.116-142, 2017. doi: <https://doi.org/10.5212/Rlagg.v8.i2.0006>.
- JABLONSKI, B. A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. *Psicol.: Ciênc. Prof.*, v.30, p.262-275, 2010. doi: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932010000200004>.
- MARTINS, J. A pesquisa qualitativa. In: FAZENDA, I. *Metodologia da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez, 2010.
- OLIVEIRA, C.R.; TRAESEL, E.S. Mulher, trabalho e vida familiar: a conciliação de diferentes papéis na atualidade. *Disc. Scie.*, v.9, n.1, p.149-163, 2008.
- PEREIRA, A.C.F.; FAVARO, N.A.L.G. *história da mulher no ensino superior e suas condições atuais de acesso e permanência*. Eixo Hist. Educ., p.5527-5542, 2017.
- SILVA, S.G. A crise da masculinidade: uma crítica á identidade de gênero e á literatura masculinista. *Psicol. Ciênc. Prof.*, n.26, p.118-131, 2006. doi: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932006000100011>.
- SOUZA, E.T.; SOUZA, L.C.G. A construção da identidade masculina na pós-modernidade: novas perspectivas a partir do fraldário masculino. *Polêmica*, v.20, n.3, p. 116-141, 2020. doi: [10.12957/polemica.2020.63489](https://doi.org/10.12957/polemica.2020.63489).